

# XIV

## ENTREVISTA COM SHIRLEY PAIXÃO<sup>1</sup>

*Sandra Teixeira da Fonseca*

Foi numa tarde de sábado, no inverno de 2019, que cheguei à redação de TV em um dia comum de plantão jornalístico. Como de costume, imprimi a minha pauta sem saber o rumo de reportagem que teria naquele sábado. Sempre gostei de ser surpreendida pelas histórias que eu teria que contar, por isso costumava não perguntar aos produtores no dia anterior sobre as pautas do dia seguinte, gostava de me entregar às fortes emoções. A experiência me fez entender que num único dia de jornalismo as máximas de que “Tudo pode acontecer”, e de que, “O dia só acaba quando termina”, são realidades presentes.

Segui então, o ritual de me conectar com a pauta do dia. A proposta inicial no cabeçalho da pauta, trazida naquele papel sulfite já me apresentava um desafio. A pauta dizia: Boa tarde repórter, sua missão hoje é ir até a delegacia e convencer o delegado de plantão a te encaminhar até Shirley Paixão. Ela foi presa ontem após tentar matar o marido. Nossa tarefa é tentar que ela nos conceda uma entrevista para assim, “desenharmos” o crime brutal que aconteceu na Vila do Amor. A informação que temos até agora, é que ela tentou matar o marido e em seu depoimento disse uma frase que ninguém conseguiu interpretar até agora: “A confraria de mulheres é resistência! De tudo que li naquele parágrafo de pauta, eu só consegui fixar três palavras: Paixão, Amor e Resistência. Então, pensei instigada e emiti o efeito sonoro de meus pensa-

---

<sup>1</sup>DOI - 10.29388/978-65-86678-12-3-f.241-250

<sup>1</sup> Este capítulo é um ensaio ficcional resultante de um dos trabalhos da disciplina “Gênero e Diversidades Sexual no Contexto Escolar” do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED-So) da UFSCar, campus Sorocaba, ministrada pela Profa. Viviane Melo de Mendonça, em 2019. O trabalho consistia em fazer um ensaio sobre uma das personagens do livro *Insubmissas lágrimas de mulher* de Conceição Evaristo (EVARISTO,2011). Portanto, a entrevista relatada foi um modo imaginário de uma jornalista-educadora dialogar com a personagem Shirley Paixão do livro.

mentos que ecoou por toda a redação: “Neste plantão vou encontrar Paixão, Amor e Resistência”. Meu coração se abriu, sem lembrar-se de que o cabeçalho da pauta dizia que um crime brutal havia acontecido na noite anterior.

Paixão, Amor e Resistência acompanharam a mim e ao cinegrafista Valdo na saída da emissora de TV. Quando contei a Valdo a nossa missão do dia, ele, um homem branco, descendente de família portuguesa, que havia concluído há poucos meses a faculdade de fotografia em uma universidade tradicional do interior paulista emitiu um som já conhecido nos discursos dos opressores colonos: “Essas mulheres precisam de controle”. Nessa altura de nossa conversa a caminho da Vila do Amor eu já havia lido a pauta inteira para o Valdo. Por isso, ele já sabia que o tal crime “brutal” que estava abrindo o cabeçalho da nossa “ordem do dia”, havia sido “cometido por Shirley Paixão”. Sem mesmo chegar ao nosso destino e saber o que acontecera na noite anterior, Valdo rapidamente se apropriou do discurso que ele aprendera bem cedo com seu avô português e que já havia sido reproduzido também por seu pai e agora estava afiadíssimo na fala de Valdo, que inclusive já ensinara ao filho Pedro, de 3 anos em um caminho linear da tradicional família patriarcal: “Lugar de mulher é em casa, cuidando dos afazeres domésticos, se preparando para receber o marido todos os dias com jantar na mesa e sempre pronta para os “agradinhos carinhosos” de uma noite. Lugar de mulher não é fazendo revolução, resistência, imagine só tentar matar o marido, isso é uma afronta à nossa “classe”, nossa autoridade deve ser respeitada acima de tudo. Eu tenho certeza colega repórter, que o coitado do marido dessa assassina Shirley Paixão, não mereceu tal agressão que quase o levou a morte. Isso é coisa de mulher de “rédeas curtas”, será que eles têm filhos? Se tiverem, será que ela não pensou nos filhos? E a família como fica? Essa tal de Shirley Paixão não honrou a Deus”. Lá se foram 20 minutos de discurso, do desfecho e da culpa de uma história que o Valdo havia acabado de criar a caminho da pauta para legitimar sua identidade e se reafirmar no lugar do homem branco, de “família tradicional”, religiosa, que “entende” o “ideal” de família, de ser humano e da mulher, de forma universalizante .

Por enquanto, não questionei a fala de Valdo, porque algo em minha intuição feminina, dizia que a própria Shirley Paixão iria impactá-lo com sua fala em algum momento, se eu conseguisse aquela que poderia ser a entrevista mais marcante de toda minha vida.

Chegamos à delegacia e eu pensei rapidamente em uma estratégia para convencer o delegado Adolfo, que era novo na polícia, a me levar até a cela onde Shirley Paixão estava presa. Abri a porta e mirei aquele homem alto, branco, de bigodes e olhos azuis sentado na cadeira giratória daquele posto, que ele havia ocupado recentemente em um concurso público. Minha estratégia foi traçada a partir da ideia de que homens são muito vaidosos nesses postos de poder e precisam legitimar dia a dia o “seu” espaço. No caso do senhor delegado, imaginei que se talvez eu dissesse a ele que como repórter mulher, eu poderia obter mais informações na fala de Shirley Paixão sobre o tal “crime brutal”, ele poderia aceitar me levar até a cela, porque “teria” benefícios em seu trabalho de investigação também. Menti, porque eu jamais faria um pacto em detrimento dos segredos de uma irmã do universo, menti, porque mais uma vez, a minha intuição feminina me dizia que esse encontro com Paixão, Amor e Resistência seria essencial para levar a voz daquela mulher. Eu precisava me apropriar da arte da escuta para reverberar o projeto “Confraria de Mulheres”, criado por Shirley. A minha tentativa de união a Shirley Paixão estava lançada.

Após um olhar fulminante, onde as vísceras do senhor delegado Adolfo quase saltaram movidas por um êxtase da possibilidade de indiciar Shirley Paixão por assassinato, ele atendeu ao meu pedido.

Ao percorrermos o corredor fétido e gelado entre as celas da delegacia eu, mesmo vestindo casaco e cachecol, sentia muito frio, olhei para o cinegrafista Valdo e ele estava sem blusa sobre o argumento de que “Frio é coisa de “mulherzinha” e que homem tem sangue quente”. Mais uma vez ignorei o discurso de Valdo, mesmo sabendo que ao referir-se ao termo “mulherzinha”, ele queria dizer que mulheres são fracas e que homens são fortes, por isso, “mulherzinha”, seria um homem gay, que “perde” a força da masculinidade hegemônica, quando quebra os ciclos da heteronormatividade e heterossexualidade compulsória. Silenciei mais uma vez o meu entendimento ao discurso de Valdo, porque sentia

que a voz de Shirley Paixão representaria tudo o que eu gostaria de dizer para Valdo naquele dia.

## O Encontro com Shirley

Os portões da cela se abrem depois do delegado Adolfo sacar de seu bolso o molho de sete chaves para que chegássemos até Shirley Paixão. Avisto Shirley sentada em um cantinho no chão da cela, onde ela vestia apenas uma blusa e calça bem fininhas naquela tarde de inverno na gelada delegacia da Vila do Amor. Shirley tinha nas mãos um livro, seus olhos estavam envolvidos e percorriam as páginas como se buscassem alguma resposta. Eu me aproximo de Shirley e me apresento, ela se levanta e me dá um abraço afetuoso, mas olha assustada para o rosto do cinegrafista Valdo e do delegado Adolfo, como se seus olhos escondessem um medo da punição por parte deles, já que ela havia desafiado todas as relações de poder de um homem, em prol da libertação da confraria de mulheres. Mas, bastaram alguns minutos para eu entender, que medo é limitador de ação e que Shirley carregava mesmo uma vontade revolucionária de mudar a pirâmide social, aquela que mantém o homem branco no topo e constitui a mulher como o “outro” humano ou o “Segundo Sexo”, como a escritora feminista Simone de Beauvoir, ousou definir em seu clássico.

Quando anunciei à Shirley Paixão o motivo de eu estar ali, ela prontamente se dispôs a falar comigo e pediu que eu me sentasse ao seu lado. Nessa hora, eu sinalizei ao cinegrafista Valdo, que poderia começar a gravar sem muita formalidade, já que aquela entrevista estava se configurando muito mais para uma escuta livre, sem podas, sem julgamentos, uma escuta do “deixar falar”, do que um acordo entre a emissora de televisão e uma entrevistada em mais um plantão jornalístico policial.

Primeiro, fiquei curiosa em saber sobre o livro que Shirley Paixão lia quando chegamos à cela. Ela me mostrou a capa: “Insubmissas lágrimas de mulheres”, da escritora literária Conceição Evaristo, a quem Shirley confessa ter gratidão, assim como a uma mulher que conheceu no ônibus, quando levava sua filha Seni para a escola, que lhe presenteou com um outro livro da escritora. Desde então, Shirley Paixão nunca mais

havia deixado de se encontrar com os escritos de Conceição Evaristo. Shirley me conta que ela se reconhecia em uma das histórias daquele livro que a acompanhava na cela, mas lembra que foi fora dele que leu uma frase da escritora que a acompanha em todas as ações. Naquele instante começava nossa entrevista...

**Repórter:** Qual é essa frase que te move Shirley?

**Shirley:** “Eles combinaram de nos matar e nós combinamos de não morrer” (Respiro profundo, olhos em meus olhos). É por isso que estou aqui minha amiga repórter. Eu não aceito morrer, a não ser que seja de morte morrida do acaso. Eu não aceito que matem minhas filhas e nem que as violentem. Eu não aceito que nenhuma mulher nesse mundo morra, seja violentada fisicamente ou sexualmente. Eu não aceito que nos tratem como “o outro” indivíduo. Eu não aceito que nenhuma mulher seja submetida a abusos de autoridade. Eu não aceito que os homens subjuguem a nossa inteligência. Eu não aceito ser escravizada por nenhum homem branco e mulher de homem branco, que entenda que o preço do meu trabalho é medido pela cor da minha pele ou por meu gênero. Eu não aceito, que nós mulheres, ganhemos menos que eles trabalhando na mesma função. Eu não aceito que nós mulheres não tenhamos poder sobre nossos corpos e as escolhas que fazemos com eles. Eu não aceito que os homens do poder que ficam lá em Brasília decidam o tipo de atendimento de saúde que nós mulheres vamos receber e precarizem a boa assistência que pagamos e que sai do mesmo caixa que paga o salário deles. Eu não aceito os presídios femininos lotados de mulheres negras. Eu não aceito que marido meu ou marido de qualquer mulher entenda que tem poder sobre ela. Eu não aceito que nenhuma de minhas filhas e nenhuma das filhas de minhas irmãs do mundo sejam menosprezadas porque estão amando outras mulheres ou porque se identificam com outro gênero ao qual a sociedade “chama de mulher ou homem”. Eu não aceito mais o homem que escolhi para me casar e ter filhas e que recebi as filhas dele, que se tornaram minhas, já que o amor de mãe e a sororidade não carecem do mesmo sangue correndo nas veias. Eu não aceito esse homem, que tentou matar a nossa “Confraria de mulheres”, porque atingiu a todas nós quando violentou por uma vida inteira a nossa menina Seni. O que fiz aqui amiga repórter, foi transgredir do espaço

tido como “privado” e transformar a minha revolução, o meu grito em um movimento político. Você está gravando isso rapaz? (Shirley Paixão pergunta para o cinegrafista Valdo, que com olhos arregalados de espanto após o relato, apenas movimentou a cabeça, em gesto de resposta, que sim).

Olha minha amiga repórter, certa vez, escutei uma música de um cantor uruguaio chamado Jorge Dexter, que tinham um trequinho assim: “Estamos vivos porque estamos em movimento” (Shirley Paixão canta alto em um somido que ecoa na pequena cela e ganha também o corredor da carceragem).

Quando Golpeei aquele que chamei de marido por tantos anos, eu fiz isso para que nós seis, uma confraria de mulheres, continuássemos vivas. Eu não gosto de violência, ensinei minhas filhas que se alguém lhe apontar uma arma, você tem que lhe apontar um livro, mas não tive outra opção, aquela minha ação pode ter salvado não só a minha filha Seni e as outras quatro meninas, mas muitas outras mulheres, que poderiam vir a ter contato com esse homem. Aquela minha ação pode salvar também muitas outras mulheres a partir dessa história. (Shirley olha no fundo da lente da câmera) e diz: Fiquem alertas e façam revolução por meio de suas vozes em seus núcleos. Lembrei-me de uma frase da escritora Alice Walker: “Viva pela palavra e continue caminhando”. Então, repito para você (Shirley olha de novo focada para a câmera) a violência não é o caminho, mas não podemos ser submissas a nossa morte. Continuem respirando.

Naquele instante eu já havia compreendido por que do meu sexto sentido me referenciar que aquela seria uma entrevista emblemática.

**Repórter:** Por que você chama o seu grupo em casa de Confraria de Mulheres?

**Shirley:** Ora, amiga repórter, se o princípio de confraria, assim como traz o próprio dicionário diz que são pessoas que comungam dos mesmos ideais, eu posso te garantir que temos uma confraria em casa, já que eu e minhas filhas já sabíamos que não seria fácil a luta. Eu costumo dizer, que já nascemos na resistência. Somos mulheres, pretas e estamos na luta. Eu vou continuar a lutar daqui de dentro, mas não irei ceder aos que tentam subjugar e diminuir nossas forças.

**Repórter:** Uma pergunta sobre sua filha Seni, o que lhe despertou a suspeita de que havia algo de errado entre a relação dela com o pai?

**Shirley:** Foi a professora Clara quem trouxe luz. Sabe quando aquele espaço tão importante na vida de um ser transgride além de todas as fronteiras? Então, amiga repórter, foi dentro deste espaço que uma professora observou, olhou, ouviu e como a escuta é uma ação política dentro da escola, essa professora provocou uma revolução. Ela me convidou para uma conversa, depois de ouvir muitas vezes Seni. Clara percebeu que a menina tinha uma relação de medo com o pai. Foi a partir desse encontro que o homem se revoltou com a escuta ativa da professora Clara, que desvendou o que Seni estava sentindo e tudo terminou em uma revolução dentro de nossa casa também. Isso é mais uma prova de que o “O privado é público e é político”, é por isso que estamos aqui e eu estou tornando isso público por meio de você também. Já somos uma rede, você já é parte de nossa Confraria de Mulheres também. (Shirley termina esse trecho de nossa entrevista com um sorriso fraterno).

**Repórter:** Você está arrependida de ter golpeado seu marido?

**Shirley:** Hoje, acho que só me arrependo do que não digo. Aquele ato foi minha voz em defesa da vida de todas as mulheres da minha vida, das que estão na vida, das que vivem a vida, das que amam a vida, das que sonham com a vida, das que querem salvar a vida e das que ainda não tiveram voz na vida. Não há outra porta de saída, só a nossa união.

**Repórter:** O que significa lá no fundo isso que você acabou de me dizer?

**Shirley:** Significa uma convocação a todas nossas irmãs, para andarmos de mãos dadas, para transgredirmos em nossa luta feminista, para ocuparmos territórios negados às mulheres por séculos. Mas, pra isso, é preciso nos conectarmos com propostas de caminhos, como os que a professora e escritora americana bell hooks nos apresenta, pensando em metodologias contra o mundo que nos colonizou e desafiar as relações de poder que seguem vivas. Então, precisamos transformar fronteiras e criar os nossos espaços de luta.

Amiga repórter, a sua pergunta me lembrou o trecho de uma música do Milton Nascimento, que me faz pensar no domínio que

“eles”, os homens, os colonizadores têm sobre nós, em que até a nossa língua, as nossas vozes são controladas e que precisamos ir quebrando muros, atravessando fronteiras para que sejamos libertadas. A música se chama Canção Amiga: tem um trechinho que diz assim: “Caminho por uma rua que passa por muitos países... Aprendi novas palavras e tornei outras mais belas”. É mais ou menos isso que eu penso para o futuro da Confraria de Mulheres...eu acho que precisa caminhar, caminhar, caminhar, sem perder nossa utopia, nosso projeto de vida, enquanto mulheres. Eu falo do lugar de uma mulher negra que vi o abuso de uma filha dentro de casa pelo próprio pai e que descobri isso quando a menina já tinha 15 anos. Mas quando eu convoco pra essa caminhada, convoco todas as mulheres, as negras, indígenas, brancas, pobres, ricas, domésticas, executivas, as letradas e as que não frequentaram a sala de aula, mas carregam as lições da escola da vida, as que com suor conseguiram um teto próprio depois de décadas de trabalho duro no campo ou horas dentro de um transporte público para chegar ao trabalho e também as que caminham por longos quilômetros nas rodovias até chegar em Brasília para reivindicar a terra de seu povo dentro do Movimento das mulheres sem teto, porque o estado deve isso à elas depois de séculos de exploração de várias gerações de suas famílias, em que nenhuma moeda a favor delas circulou. Nossos corpos têm uma história e quem tem que decidir como ela vai continuar, somos nós, JUNTAS!

Sueli Carneiro, uma escritora brasileira, que aprendi a ler, diz que o movimento de mulheres no Brasil é um dos mais respeitados do mundo. Então, vamos nos movimentar gente! (Shirley olha firme para a lente da câmera novamente). Só o feminismo vai conseguir nos transformar em novos sujeitos políticos. A Sueli diz que essa tomada de consciência acontece primeiro pelo racial, porque na pirâmide social até a hegemonia masculina burla a pirâmide para que o branco preserve seu lugar, essa pirâmide coloca o homem negro abaixo da mulher branca, mesmo os negros sendo subalternizados. Acho que foi mais ou menos isso que entendi quando li um texto da Sueli Carneiro. Mas, amiga repórter, se não foi exatamente isso que ela escreveu eu já vou logo lhe dizendo aqui que a realidade é essa mesma. “O racismo rebaixa o status de gêneros”, me lembro bem que Sueli Carneiro escreveu isso. Desse jeitinho mesmo.

Desculpe, acho que já fui longe demais em minhas respostas, você não acha?

**Repórter:** Não, Shirley, você foi generosa em sua fala, ampliou a voz, falou de um feminismo para todas. Preciso te fazer uma última pergunta: Você não sabe ainda quanto tempo ficará aqui, mas sabe me dizer o que significa a liberdade?

**Shirley:** Só de lhe dizer tudo isso eu já me sinto livre, porque a voz nos foi silenciada por muitos séculos e eu não temerei mais usar minha voz. Agora, respondendo a sua pergunta, a liberdade pra mim, significa igualdade, então me aproprio mais uma vez de Simone de Beauvoir: “Querer ser livre é também querer livres os outros”. Amiga repórter, lhe convido a lutar pela liberdade, topa? Nos vemos na Confraria de Mulheres, na Vila do Amor.

## **Referência**

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.